

EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UMA PRÁTICA PARA A CONSCIENTIZAÇÃO E LIBERTAÇÃO HUMANA

Erliete da Silva Santos
Mestranda/PPGEdu/UFR-MT
erli-santoslara@hotmail.com

Isabel Cavalcante Ferreira
Mestranda/PPGEdu/UFR-MT
Cavalcante.isabel@gmail.com

RESUMO:

O artigo apresenta uma breve reflexão realizada durante encontros da disciplina de Teorias da Educação, no curso de Mestrado, sob a orientação da professora Doutora Eglen Rodrigues acerca da tão ilustrada obra de Paulo Freire, intitulada “Pedagogia do Oprimido”. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo, fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da comunicação dialógica, realizada entre mestrandos e orientadora. A reflexão foi mediada também, por leituras realizadas sobre as obras de Paulo Freire, o qual compreende que a educação é uma forma de libertação humana. Dentre as suas obras, elencamos a Pedagogia do Oprimido, no sentido de buscarmos entendimentos mais aprofundados no tocante ao seu pensamento – que reside numa pedagogia da práxis humana – prática da liberdade, cujo método não deve ser para o homem [oprimido], mas dele, tornando-o sujeito de sua própria história, se autoconfigurando responsabilmente. Tais pressupostos estão imbricados fortemente no processo de alfabetização e/ou escolarização humana. Melhor dizendo, há incontáveis contribuições desse grande pensador para a educação contemporânea. Nesse sentido, o estudo aponta para a necessidade de reflexão sobre a prática e superação da concepção de educação e sociedade na qual estamos inseridos e atuamos teórica e praticamente.

Palavras –chave: Paulo Freire; Pedagogia do Oprimido; Prática da liberdade.

INTRODUÇÃO

A educação é fruto de uma prática social e histórica, que é dinâmica e se transforma constantemente. As informações são processadas e divulgadas em frações de segundo, num contexto de relações hierarquizadas, presentes na sociedade em que vivemos, que por vez é capitalista e, por isso, dominante.

A preparação das gerações para o enfrentamento desses embates requer a interferência de instituições específicas como a escola, cujo atributo é atender e nortear a inserção e a participação na realidade. Nesse sentido, a educação, sendo fruto dessa realidade deve atender

as exigências da mesma. No entanto é preciso que se pense em propostas educativas que formem cidadãos criativos, críticos e ativos, reflexivos, capazes de intervir na transformação.

Partindo dessa premissa, é que o educador Paulo Freire, preocupado com a libertação do oprimido, elabora uma proposta de educação que objetiva a libertação do mesmo, por meio da mediatização no mundo e com o mundo. Proposta esta realizada através do diálogo com o outros, numa constante reflexão e interação entre a teoria e a prática, contrapondo assim, a concepção bancária da educação que torna o educando um depósito de conteúdos, receptor, sendo o educador um depositário, detentor do saber.

Assim, o autor vai descrevendo seu livro intitulado “Pedagogia do Oprimido”, o qual é composto por quatro seções. A primeira seção aborda a Justificativa da Pedagogia do Oprimido, que descreve a importância da dialeticidade entre o sujeito e o objeto, integração homem-mundo, práxis autêntica de reflexão e ação.

Na segunda seção, é apresentada e descrita a concepção bancária da educação numa contraposição da educação libertadora, destacando as relações existentes entre educador e educandos. Já na terceira seção, Paulo Freire trata da dialogicidade enquanto essência da educação como prática da liberdade, apontando o diálogo como ação fundamental nesse processo de transformação.

E, por fim, na quarta e última seção, a temática centra-se no olhar do autor sobre a teoria da ação antidialógica, reafirmando o homem como ser da práxis, que nasce no mundo e com o mundo, tornando-o capaz de conhecê-lo e transformá-lo.

A educação e a comunicação: atributos essenciais para a conscientização e libertação do homem

A sociedade na qual estamos inseridos é dividida por duas grandes classes – a burguesia, detentora dos bens de produção e a classe operária, que detém a força de trabalho. Nesta sociedade prevalece a visão hegemônica da política neoliberal e capitalista e, com isso, são regidas normas para que se coloquem a mesma [sociedade] em ordem, visando atender aos interesses e objetivos políticos.

Mesmo assim, nem sempre as coisas são realizadas conforme se colocam e, estando a sociedade em permanente transformação, a mesma vem enfrentando momentos de crise evolução – onde até mesmo a própria sobrevivência é problema do dia-a-dia.

No entanto, a educação, como fruto da práxis social vem, conforme as palavras de Paulo Freire (1994), promover a harmonização entre os homens, ou a sua hominização, em seus valores ético-morais, numa construção civilizatória, cuja experiência e saber se dialetam.

Nessa perspectiva, o educador assume uma postura humanista, propondo uma educação como prática de liberdade, em que o oprimido assume-se enquanto sujeito na construção do conhecimento, adquirindo condições de, através da reflexão, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica.

É ainda por meio da educação, no processo de hominização, que o sujeito vai desvelando as máscaras postas pela sociedade em que está inserido. Isso, graças ao seu comportamento e suas relações com os outros, numa interação dialética permanente em que a leitura da palavra precede a leitura do mundo.

Melhor dizendo, podemos afirmar que, segundo o método de Paulo Freire, a alfabetização é o primeiro degrau para a etapa civilizatória, sendo a linguagem e a comunicação aspectos imprescindíveis nesse processo de desvelamento e construção de sua própria história.

Partindo dessa premissa, o livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire (1994), foi escrito em quatro seções, incluindo um prefácio de autoria de Ernani Maria Fiori e As primeiras palavras de sua própria autoria.

De modo geral, o autor traz em seu livro uma concepção de educação para a libertação humana, educação esta que também é vista como uma forma de intervenção na transformação da realidade, por meio da qual, o homem se faz homem mediatizado pelo mundo. Isto é, nas suas relações e no diálogo com os outros, pois ninguém vive isoladamente e sim numa interação social.

O diálogo, portanto, é o ponto de partida para a harmonização entre os homens, num cenário em que as relações não são unívocas, mas expressa uma leitura do mundo que vai além do ensino de teorias, e repetições de palavras e frases, conceito limitado na escola tradicional.

Paulo Freire aponta que a escola não deve ter limites, nem fronteiras, mas sim mediatizar a aprendizagem da vida, proporcionando a maturidade e a excelência na construção do desenvolvimento do sujeito, por meio de uma proposta educativa diferenciada e interdisciplinar.

Fator este que, numa interação social com as diversas disciplinas e enfoques que pluralizam a leitura do mundo, permitem a construção de novos significados e sentidos à linguagem e à comunicação, condicionando a busca de harmonia no ambiente escolar em conectividade com as representações da vida real.

Nesse contexto, o professor Ernani Maria Fiori, no prefácio do livro apresentado acima – *Aprender a dizer a sua palavra* -, nos aponta que o educador Paulo Freire, sendo um pensador

comprometido com a vida, pensa a existência humana e seu pensamento está explicitamente embasado numa pedagogia da prática da liberdade, sendo esta uma reflexão crítica e liberadora de ambos, oprimido e opressor.

Saber e experiência se dialetam, tornando o educador um profissional humanista, sendo capaz de inventar técnicas pedagógicas e, por meio delas, constituir historicamente a consciência humana. Assim, “a vida como biologia passa a ser vida como biografia.” (Sugestão de Ortega).

Sendo a educação uma prática social e também um ato político, é possível compreendermos que a pedagogia também se faz antropologia permitindo a evolução do homem por meio do esforço de superação liberadora da consciência humana.

Essa dialética perpassa por três relances, cerceando uma contínua recriação de um mundo mais justo e igualitário: Primeiro, um movimento que unifica os elementos do método, amplificando-os num humanismo pedagógico; Segundo, o reconhecimento do homem nesse movimento histórico e, por último, a destinação desse processo – a conscientização, a decisão e o compromisso.

Podendo, assim chegar ao alcance de seu humanismo através da alfabetização, que também é um ato de conscientização. Alfabetização que parte do contexto do universo do educando, tomando como ponto de partida um mínimo de palavras que, retornadas a ele em ação transformadora do mundo, o permite reencontrar-se com os outros e nos outros, num círculo de cultura.

O processo de alfabetização proposto por Freire (1994) apresenta estratégias de ensino aprendizagem cujo objetivo é a leitura e a escrita de sua própria história, biografia do sujeito, em que ele mesmo é o autor. Partindo de uma palavra geradora, de seu convívio, para a construção de novas palavras, passando pela descodificação e codificação de sílabas.

Esse movimento de construção do conhecimento por meio da palavra geradora, oportuniza a escrita do pensamento do educando, dando a ele a possibilidade de, na hora devida, saber e poder dizer a sua palavra – estrutura dinâmica e dialética do processo histórico de produção do homem -, que não é apenas uma produção/evolução biológica, mas também histórica.

Dessa forma, sabendo dizer a sua palavra, o homem constitui-se em um ser ativo e criativo que, mediatizado pelo mundo e, numa interação de intersubjetividades, se reconhece como sujeito que elabora o mundo, e como autor responsável de sua própria história, podendo exercer e efetivar a sua possibilidade de ser livre.

Entendemos ainda que, segundo esta proposta, o ato de conscientizar é também um ato de politizar, em que os dominados precisam lutar para dizer a sua palavra, tomando-a dos que a detém. Porém, há certo “medo da liberdade”, descrito por Paulo Freire nas Primeiras Palavras, em que demonstra uma análise feita sobre o papel da conscientização em cursos de capacitação, onde foram mencionadas as incertezas e maus entendimentos, ou pensamentos distorcidos, chegando ao ponto de dizerem que consciência crítica gera anarquias.

Todavia, há uma divergência entre sectarismo e radicalismo, colocando à prova aspectos que desvelam e dão sentido ao verdadeiro significado do ato de conscientizar. Freire (1994) coloca que a sectarização é castradora, fanática, reacionária (de esquerda ou de direita), também mítica e irracional, transformando a realidade numa falsa realidade, que não pode ser mudada. Já a radicalização, é criadora, crítica, libertadora, engajada no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva, comprometida com a libertação dos homens.

Diante disso, o autor em sua primeira seção, vem justificar a proposta da Pedagogia do Oprimido que, para ele é:

[...] aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e re fará.
(FREIRE, 1994, p. 2).

Assim, para o autor, a libertação é um “parto doloroso”, já que deste nasce um homem novo na busca por sua humanização e liberdade, pela desalienação e afirmação diante da classe opressora/dominadora. A seção trata ainda, da questão relativa à consciência oprimida e consciência opressora, bem como do problema da dualidade gerada pela submissão.

Essa consciência é permeada pela dialeticidade entre sujeito e objeto, numa integração homem-mundo, através da reflexão sobre a opressão, chegando a uma ação transformadora – práxis libertadora. Conforme o autor, somente na convivência com os oprimidos, se pode compreender suas formas de ser, comportar e refletir sobre a dominação – dualidade existencial. Assim, o homem em comunhão com o mundo, busca restaurar a intersubjetividade de si próprio, pensando dialeticamente na sua ação no e com o mundo.

Dessa forma, a Pedagogia do Oprimido, para o autor, assume um caráter humanista e libertador, passando por dois momentos cruciais. Num primeiro, homens desvelam o mundo da opressão, comprometidos com a práxis e com a transformação e, num segundo momento, após a transformação da realidade, a pedagogia passa a ser dos homens em processo de permanente libertação.

Já na segunda seção do livro, o autor faz menção à concepção bancária da educação como instrumento da opressão, destacando as relações existentes entre educadores e educandos, num contexto de busca para a superação da contradição.

Para o autor, esta proposta de educação é descontextualizada, mecânica, cuja metodologia está pairada na repetição/fixação e memorização de conteúdos, na qual o educador é o narrador, ativo e depositante e, os educandos, os objetos, ouvintes e passivos, receptores.

A especificidade do professor então é depositar e, quanto mais depósitos, melhor será seu desempenho. Sendo assim, essa educação anula o poder criador do educando, não o permitindo desenvolver sua criatividade – consciência crítica.

A sociedade, para tanto, é justa, todavia, os oprimidos são a patologia da mesma, que precisam ser dominados, ajustando-os a ela por meio dessa educação, já que são ineptos e preguiçosos. Essa concepção teme o diálogo, a comunicação, o conviver com o outro, assumindo o papel de dominação, superposição dos homens aos homens.

Por outro lado, o autor aponta uma proposta de educação libertadora e problematizadora, focada na humanização e libertação do oprimido, por meio da mediatização e do diálogo com o mundo, sendo capaz de refletir e agir para transformá-lo.

Acredita-se na superação da contradição entre educador e educando, em que ambos, por meio do diálogo, se educam e aprendem juntos, tornando-se sujeitos e investigadores críticos do processo. Assim, como seres inconclusos, inacabados e históricos buscam o ser mais, numa vocação ontológica.

Ainda na perspectiva do autor, a educação bancária assistencializa, inibindo a criatividade, domesticando os homens, negando-lhes sua vocação ontológica e histórica, servindo à dominação, enquanto, a educação libertadora criticiza, servindo à libertação, incentivando a criatividade, a reflexão e a ação sobre a realidade, respondendo à sua vocação, numa possibilidade de transformação criadora.

Pensando numa educação libertadora, o autor traz na terceira seção, a dialogicidade enquanto essência da educação como prática da liberdade, tendo o diálogo como fenômeno humano, não há palavra verdadeira que não seja práxis, como ato de criação para a conquista e a libertação dos homens no mundo.

Segundo o autor, só há diálogo com amor e humildade sincera, cuja fé reside no poder da criação do homem que, numa criação e recriação, assume o compromisso de transformar, buscando sua liberdade. O diálogo então acontece horizontalmente numa relação de confiança entre os homens, na busca do pensamento crítico, partindo do conteúdo programático que, na relação educador-educando, é problematizado, organizado e sistematizado de forma

estruturada, incidindo na transformação da realidade, cujo pensar e linguagem do povo são aspectos fundamentais nessa dialética.

A proposta do diálogo, ou da dialogicidade faz-se numa observação simpática, compreensão e percepção crítica da realidade do povo – dúvidas, anseios e esperanças, por parte do educador, de modo a expressar uma ação cultural. Assim, o problema e o assunto central – tema gerador deve ser o conceito antropológico de cultura.

Por fim, na quarta seção, o autor foca seu olhar na teoria da ação antidialógica, reafirmando que o homem é ser da práxis, que nasce no e do mundo, buscando conhecê-lo e transformá-lo com sua ação. Essa transformação, nas palavras do autor, é possível por meio do diálogo, com um compromisso para a libertação, enquanto análise crítico-reflexiva sobre a realidade. Para ele, evitar esse diálogo é temer a liberdade e não acreditar no povo, característica da educação bancária.

Ele aponta nesta seção, as características da teoria da ação antidialógica, entendidas como a conquista, a divisão do povo, a manipulação e a invasão cultural. Destaca ainda, as características da ação dialógica – colaboração, união, organização e a síntese cultural. Ainda nesta seção, o autor descreve cada uma das características anunciadas, destacando a ação e a reflexão por meio do diálogo no mundo e com o mundo, como atos fundamentais na transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras e os diálogos acerca da obra de Paulo Freire (1994), têm contribuído positivamente na compreensão mais aprofundada do processo educativo enquanto prática para a intervenção e transformação na realidade social. Educação esta que se sujeita a formação de cidadãos autônomos e criativos que, mediatizados pelo mundo e em constante diálogo, buscam incessantemente sua libertação, por meio de uma pedagogia que o permita conhecer, analisar e refletir criticamente sobre a sua ação.

Assim sendo, é possível compreendermos que todos somos sujeitos no processo de construção do conhecimento, objetivando a transformação social e a criação de uma sociedade igualitária, democrática e justa para todos.

A pedagogia do oprimido então é a pedagogia dos homens na luta por sua libertação. Permite aos homens restaurar a sua intersubjetividade, por meio da criação, reflexão e sua ação sobre a realidade. Esse movimento permite ainda, aos educadores e educandos tornarem-se sujeitos de seu processo, superando o intelectualismo alienante e a falsa consciência do mundo.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 23^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1994.